

## **A MANAUS DEVASTADA EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM**

Katrym Aline Bordinhão dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho explora imagens de devastação, levando em conta que o sentido da expressão não somente se refere à destruição de algo, mas, também a modificações significativas, vivenciadas pelos personagens no romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. O objetivo é apontar de que forma essas mudanças afetam a sociedade em que esses personagens vivem, compreendendo de que forma eles se sentem afetados por essas situações.

**Palavras-chave:** Manaus, devastação, mudança.

**Abstract:** This paper explores images of devastation, keeping in mind that the sense of expression does not refer only to the destruction of something, but also to expressive changes, experienced by the characters in the novel *Dois Irmãos*, by Milton Hatoum. The objective is to appoint the form that the changes affect the society in that the characters live, understanding the way that they feel affected for these situations.

**Keywords:** Manaus, devastation, change.

### **1. Introdução**

Consideremos que as imagens de devastação podem ser compreendidas como representações de situações em que, de alguma forma, não ocorra apenas destruição completa, mas, também, algum tipo de mudança que possa aproximar-se da sensação que a própria destruição causaria.

Dessa forma, entender que mudanças podem ser comparadas a formas de devastação nos encaminha para o esclarecimento do que configura as mudanças que permitem considerarmos como passíveis de ser equiparadas às sensações que a devastação pode causar. Assim, pretendemos desvelar as situações que envolveram as mudanças e suas possíveis consequências na narrativa em que nos focaremos, demonstrando o aspecto negativo que podem causar nos personagens e na visão que o leitor terá no momento em que se depara com a referência a esses acontecimentos.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários na UFPR – Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES/REUNI. E-mail: katrymalineb@gmail.com

Tendo por objetivo neste trabalho abordar a imagem da devastação ligada intimamente à mudança, levaremos em conta as transformações que a cidade de Manaus sofreu durante o enredo do segundo romance de Milton Hatoum, *Dois Irmãos*, e de que forma isso pode ser encarado como representante de imagens de devastação, apontando uma forma de representação que a literatura faz desse tipo de situação, corrente na história recente do país.

O próprio romance como um todo pode ser visto como uma “narrativa de destruição, da qual todos faziam parte como agentes” (SILVA, 2008, p.04), já que o leitor testemunha a formação e o desmoronamento de uma família e da casa que os abrigou, sem que haja apenas um culpado dessa situação. Acompanhando o processo de crescimento e destruição da família, o espaço, representado pela cidade de Manaus, também sofre com a devastação causada pelas mudanças sociais e políticas ocorridas naquele tempo.

O momento histórico pelo qual o país passava desempenha grande influência nessa imagem de devastação, uma vez que os personagens sabiam como era a vida antes do momento histórico que vivenciavam, o que lhes garante uma perspectiva ainda mais clara das mudanças/devastações presenciadas. Há inclusive um personagem, Yaqub, que faz suas ponderações acerca de Manaus tendo como base a cidade de São Paulo, que passava por um momento de crescimento totalmente diferente do enfrentado pela cidade amazonense.

Para abordarmos os momentos de devastação que são apresentados no romance, analisaremos alguns pontos específicos do enredo que ilustram as mudanças enfrentadas pela cidade de Manaus e que eram testemunhados por uma família que também vivenciava um processo de mudança, mais precisamente de declínio.

Utilizaremos visões teóricas apontadas por autores, como o próprio escritor do livro, Milton Hatoum, e pesquisadores que já se prestaram à tarefa de analisar a representação da cidade e do espaço em *Dois Irmãos*, aspectos fundamentais para o entendimento do que pode ser considerado como imagem de devastação.

## 2. A devastação em *Dois irmãos*

Milton Hatoum explora sua abordagem da cidade de Manaus, vista por alguns estudiosos como uma forma de narrar a cidade que se afasta do dito regionalismo<sup>2</sup>, em seus romances: “A cidade da minha infância não existe mais. Tentei explorar nos meus romances essa destruição abrupta e brutal da memória urbana.” (HATOUM, 2009, p.160). Percebemos que o autor aborda o espaço da cidade não somente como um elemento constitutivo do romance, mas sim como o mantenedor das lembranças de quem ali viveu, o que parece não ser o que mais tarde acontece com Manaus, justamente por conta da devastação a que a cidade foi exposta.

Nesse aspecto a abordagem do espaço se aproxima do que é exposto por Paulo Soethe (2007, p. 221-222):

Dar forma literária ao espaço equivale a conformar verbalmente a linha de separação e união entre a personagem como sujeito perceptivo e o que está fora dela; equivale a distinguir e situar as coisas delimitáveis no mundo que as personagens habitam e a explicitar processos de percepção do entorno pelas personagens.

Os processos de percepção dos personagens parecem ficar bem claros durante a narrativa, com o destaque natural às experiências vividas por eles e de que forma lhes influenciaram diante das constatações que fazem diante das situações a que são expostos. Aspecto importante é o fato de que o narrador conta o enredo já em um tempo distante de quando ele se realizou, de modo que sua experiência de vida, somada ao uso que faz da memória, é fundamental na visão que ele repassa ao leitor do espaço e mesmo do comportamento dos outros personagens.

A memória, aliás, aparece como recurso para trazer à tona algumas descrições espaciais que se entremeiam entre os acontecimentos da narrativa. Yaqub, um dos dois irmãos do título do romance, após retornar de uma viagem de cinco anos ao Líbano se coloca em frente à janela para observar aquela cidade que lhe remetia à infância:

Apoiado no parapeito, Yaqub olhava os passantes que subiam na direção da praça dos Remédios. Por ali circulavam carroças, um e outro carro, cascalheiros tocando triângulos de

---

<sup>2</sup> Assunto abordado por PELEGRINI (2004) e LEÃO (2011), entre outros.

ferro; na calçada, cadeiras em meio círculo esperavam os moradores para a conversa do anoitecer; no batente das janelas, tocos de velas iluminariam as noites da cidade sem luz. Fora assim durante os anos de guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia, e um ovo valia ouro. (...) Quando tinha sorte, Halim comprava carne enlatada e farinha de trigo que os aviões norte-americanos traziam para a Amazônia. (HATOUM, 2006, p.18).

Esse momento de recordação dos tipos de pessoas que passavam ao redor da casa nos apresenta um modo de vida que era comum aos manauaras, que conversavam à beira da rua sem a ajuda da luz elétrica, afetada pela Segunda Guerra Mundial. Tal evento já pode ser visto como um agente de mudança no comportamento daquela gente, que já havia presenciado um passado grandioso vivido pela cidade, como o narrador nos apresenta: “Zana, que na juventude aproveitara os resquícios desse passado, agora se irritava com a geladeira a querosene, com o fogareiro, com o jipe mais velho de Manaus” (HATOUM, 2006, p. 96), e que agora tinha de se acostumar com os constantes racionamentos de energia.

Findada a guerra, e depois da ida de Yaqub para São Paulo, Halim, o patriarca da família, consegue reestabelecer sua situação econômica, fato que é comentado com alegria pelo narrador:

Halim havia melhorado de vida nos anos do pós-guerra. Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro. (HATOUM, 2006, p.32).

Nesse pequeno relato do narrador, Nael, é possível visualizar claramente outro agente modificador da paisagem de Manaus, ligado diretamente a um evento social. O ciclo da borracha atraiu uma população que a cidade não estava pronta para receber, fazendo com que os trabalhadores tivessem de estabelecer suas casas à beira de morros e igarapés, modificando significativamente a paisagem da cidade, que acaba crescendo de forma desordenada, como o próprio narrador destaca.

É diante da necessidade de encontrar um local que sirva de moradia que surge uma importante construção representada na narrativa, que ao mesmo tempo em que serve como solução para a moradia expõe algumas dificuldades ainda enfrentadas por essa população tão pertencente e necessária à Manaus que estava se formando: a Cidade Flutuante.

Ele me levara para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era a hora do alvoreço. O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formam uma teia de circulação. Os mais ousados carregavam um botijão, uma criança, sacos de farinha; se não fossem equilibristas, cairiam no Negro. Um ou outro sumia na escuridão do rio e virava notícia. (HATOUM, 2006, p.90).

A Cidade Flutuante, como se pode notar na descrição do narrador, por si só já configura uma representação concreta da devastação e de suas consequências. As casinhas erguidas sob condições precárias expunham os seus moradores a perigos que acabavam servindo como o único meio de serem notados, visto que somente ao sofrerem acidentes é que se dava destaque às condições de vida precárias que enfrentavam.

É nesse local que o personagem Halim encontrava seu bar preferido, o Sereia do Rio, local para onde levava Nael, o narrador, e conversava com todos os moradores, atividade que tanto lhe dava prazer. É interessante observar a visão que o narrador tece acerca da população da Cidade Flutuante, fazendo comparações com situações semelhantes que presenciava na organização de vida de animais<sup>3</sup>, como o enxame de canoas e a teia de circulação, e a denominação de que o bairro era anfíbio.

Ao mesmo tempo em que a Cidade Flutuante representava a própria ideia de devastação, será justamente o seu extermínio que figurará como um dos momentos mais representativos de destruição no romance, visto que

---

<sup>3</sup> A zoomorfização, figura de linguagem que aproxima o comportamento humano com o do animal, nos remete ao romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, em que essa situação ocorre de forma muito mais significativa. O narrador, a nosso ver, faz uso desse recurso em *Dois irmãos* por conta da pouca experiência em testemunhar comportamentos que não sejam os que ocorrem em sua casa, assim, só consegue comparar o que visualiza na Cidade Flutuante ao comportamento demonstrado por animais.

atingirá diretamente o personagem Halim, sendo uma espécie de golpe fatal na sua vida, já bastante conturbada.

Quando o golpe militar de 1964 se deflagra, Yaqub já reside há anos em São Paulo, de onde periodicamente enviava notícias e impressões acerca de seu cotidiano, que contrastava com a Manaus que deixara quando da sua partida: “Os acenos intermitentes da metrópole: o dia-a-dia na Pensão Veneza, os cinemas da São João, os passeios de bonde, o burburinho do viaduto do Chá e os sisudos mestres-engravatados, venerados por Yaqub.” (HATOUM, 2006, p.45).

Em uma das visitas do filho a Manaus percebemos a queixa do pai, ciente de que a cidade estava em franco processo de exploração de seu espaço, ou devastação se mais apropriado, e de como aquilo o incomodava, expondo a visão de um morador que não estava acostumado com o movimento que se formava no centro com o novo regime político.

Yaqub, por sua vez, influenciado completamente pela visão criada nos anos passados em São Paulo responde ao pai com uma interpretação diferente da ocupação da cidade, demonstrando as possibilidades de desencadeamento de visões diferentes quanto à validade das mudanças:

O pai reclamava que a cidade estava inundada, que havia correria e confusão no centro, que a Cidade Flutuante estava cercada por militares.

“Eles estão por toda parte”, disse, abraçando o filho. “Até nas árvores dos terrenos baldios a gente vê uma penca de soldados...”

“É que os terrenos do centro pedem para ser ocupados”, sorriu Yaqub. “Manaus está pronta para crescer.” (HATOUM, 2006, p.147).

A conclusão de Yaqub parece anunciar exatamente o tipo de devastação que será implantada na cidade a partir, principalmente, da implantação autoritária do regime militar, representado claramente na prisão do professor Laval, amigo do narrador e de Omar, o outro gêmeo. O narrador menciona a tensão que envolvia aquele momento:

Ele sabia que Manaus se tornara uma cidade ocupada. As escolas e os cinemas tinham sido fechados, lanchas da Marinha patrulhavam a baía do Negro, e as estações de rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia. Rânia teve de fechar a loja porque a greve dos portuários

terminara num confronto com a polícia do Exército. Halim me aconselhou a não mencionar o nome de Laval fora de casa. Outros nomes foram emudecidos. (HATOUM, 2006, p.149).

Essa tensão, instaurada por conta da ocupação, obriga o povo a criar novos hábitos, o que justifica a queixa de Halim acima mencionada. Atente-se para o fato de que com os cinemas e escolas fechados a circulação das pessoas comuns ficava consideravelmente prejudicada. Os momentos de lazer proporcionados pelo cinema e pelo rádio, ou mesmo pelas conversas que surgiam nas lojas, eram diretamente afetados por conta do novo modo como as informações eram encaradas. O próprio Nael sente na pele a ideia do que a censura e o medo significavam, ao ter de evitar assuntos que envolvessem o finado professor Laval.

Ao mencionar que a cidade estava pronta para crescer Yaquub parece compreender que a modernização de Manaus era necessária. Usando essa necessidade como justificativa, o governo parece finalmente perceber o papel desempenhado pela cidade flutuante próxima ao centro, que aqui compreendemos como a concreta representação de um tipo de devastação, e, assim, decide derrubá-la a fim de melhorar a aparência daquela região que tanto crescia<sup>4</sup>. Gomes (2007, p. 05) apresenta uma exemplificação de situação parecida à demolição da Cidade Flutuante ao mencionar a criação de um bairro, abordada no terceiro romance de Milton Hatoum, *Cinzas do Norte*:

Certamente o principal exemplo dessa modernização é o projeto Novo Eldorado que consistia na construção de casas afastadas do centro e do rio, para deslocar aqueles que moravam a sua margem, isto é, os moradores de palafitas que viviam próximos ao porto, em condições insalubres. A imagem dessa população contrapunha-se ao projeto de uma cidade moderna, porque descobria um retrato da pobreza, expondo suas mazelas. Para fazer essa limpeza o prefeito construiu o Novo Eldorado. (GOMES, 2007, p.05).

O governo parece estar preocupado apenas com uma imagem que remeta à população uma ideia de modernização, simbolizada pela retirada daquilo que poderia ser vinculado negativamente à cidade. Sendo as construções sobre palafitas, como já mencionamos, meios precários de

---

<sup>4</sup> “O centro virou um formigueiro de gente do interior...” (HATOUM, 2006, p.167).

instalação, a destruição dessa paisagem surge como única forma de resolução do problema de uma primeira devastação realizada, que foi a sua construção não planejada.

No caso de *Cinzas do Norte* parece haver uma preocupação, mesmo que superficial, com o destino daqueles que povoavam o local destruído, o que acaba expondo mais um ato que desprivilegia os moradores, a saber, a destinação a um local distante do centro, em que os moradores ficariam escondidos o suficiente para que não afetassem a modernização local, sem pesar o impacto que isso teria na vida daquela gente. Em *Dois irmãos* não fica suficientemente claro o destino tomado pelos moradores da Cidade Flutuante, o que pode figurar como uma explicação para a reação revolta das pessoas que assistiam à destruição do local:

Assistiam, atônitos, à demolição da Cidade Flutuante. Os moradores xingavam os demolidores, não queriam morar longe do pequeno porto, longe do rio. Halim balançava a cabeça, revoltado, vendo todas aquelas casinhas sendo derrubadas. (...) Tudo se desfez num só dia, o bairro todo desapareceu. Os troncos ficaram flutuando, até serem engolidos pela noite. (HATOUM, 2006, p. 159).

A destruição da Cidade Flutuante é um golpe muito forte para Halim, que já fragilizado pela idade e pelos constantes desentendimentos protagonizados pelos filhos, testemunha as mudanças bruscas por que a cidade está passando, e que lhe atingem diretamente, ao lhe privarem dos locais que gostava de frequentar. Além de ter de conviver com a cidade cercada por militares e carecendo de momentos de distração, o personagem acompanha o desalojamento de diversos colegas, sendo exposto a um misto de injustiça e perda.

É importante ressaltar que a morte desse personagem ocorre logo depois do difícil momento que foi a demolição da Cidade Flutuante, sendo possível vinculá-la diretamente a esse ato, já que a perda do local preferido pode ter colaborado com o agravamento de sua fragilidade. É perceptível que após a morte de Halim a decadência, e posterior destruição, de sua família também começa a tomar contornos mais nítidos, o que pode ser relacionado à devastação que a cidade estava sofrendo, já que sabemos que o espaço desempenha uma função fundamental no desenvolvimento dessa narrativa,



indo ao encontro do exposto por Fernanda Boechat (2011, p.15) acerca dos dois últimos romances lançados por Hatoum: “as configurações espaciais (...) estão intimamente ligadas aos processos de identificação das personagens, que, por sua vez, estão interligados a aspectos sociais, históricos, e também psicológicos que constroem o enredo”.

O sentimento negativo que ronda essa atitude de extermínio do local, supostamente motivada pela necessidade de uma modernização, advém do desinteresse acerca da opinião da população que seria atingida por essas modificações:

A destruição da Cidade Flutuante certamente é similar àquela que ocorreu na Paris do século XIX, realizada por Haussman, e no Rio de Janeiro da virada do século, concretizada por Pereira Passos. (Cf. Pesavento, 1999). Esta modernidade traz consigo o gérmen da desumanização, na medida em que está alheia aos anseios, às necessidades internas do homem. (GOMES, 2006, p.03-04).

A desumanização parece ser exatamente a sensação que os personagens, principalmente Halim, parecem experimentar diante dos recentes fatos, ligados, também, ao regime militar. A retirada de situações que marcam a identidade desses personagens atinge o desejo de seguir com a vida, o que parece ter acontecido com Halim nesse momento, e anteriormente com Yaqub, quando é enviado ao Líbano ainda criança e retirado do convívio com a família e o próprio país, fundamentais na construção e manutenção de sua identidade. Essa modificação cultural fica claramente representada na fala de Omar:

O Café Mocambo fechara, a praça das Acácias estava virando um bazar. Sozinho à mesa, ele ia contando suas andanças pela cidade. A novidade mais triste de todas: o Verônica, lupanas lilás, também fora fechado. “Manaus está cheia de estrangeiros, mama. Indianos, coreanos, chineses... O centro virou um formigueiro de gente do interior... Tudo está mudado em Manaus”. (HATOUM, 2006, p.167).

Observamos que o personagem estranha a circulação de estrangeiros e o fechamento de locais representativos na cidade, reflexo das mudanças ocorridas, o que para uns poderia representar progresso, mas, para outros, a clara degradação do espaço.

A própria casa da família de Zana e Halim é destruída, deixando para trás todas as marcas de estilo que a construção representava, e dá lugar a uma loja que no dia da inauguração recebe estrangeiros enquanto que os moradores dos arredores apenas observam de fora a mais essa mudança.

Juntamente com a vinda de estrangeiros houve também a chegada de produtos desconhecidos dos manauaras, que eram vistos como um lado positivo de todas as mudanças causadas pelo progresso, como nos relata o narrador: “Chocolate suíço, roupas e caramelos ingleses, máquinas fotográficas japonesas, canetas, tênis americanos. Tudo o que naquela época não se via em nenhuma cidade brasileira: a forma, a cor, a etiqueta, a embalagem e o cheiro estrangeiros.” (HATOUM, 2006, p.105).

Esse encantamento com as novidades fica para trás quando a estagnação do progresso em Manaus faz com que a população comece a perceber mais claramente o desenvolvimento de outras partes do próprio país, o que lhes leva a fazer comparações, como fica bem representado quando Nael menciona as restrições por que passavam à época da inauguração de Brasília:

Noites de blecaute no norte, enquanto a nova capital do país estava sendo inaugurada. A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvía-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso. (HATOUM, 2006, p.96)

A ideia de progresso e futuro, nesse momento, parece ser o agente devastado representado na fala do narrador. Tem-se a impressão de que passa a existir o entendimento que aquela era uma região esquecida, que destoava do êxito que outras regiões estavam obtendo. É possível aproximar esse esclarecimento acerca da situação que viviam com uma imagem de desigualdade social descrita pelo narrador, em que, visivelmente, ele aponta para a convivência entre classes diferentes sem que haja, concretamente, algum tipo de atitude que permita a interação entre elas, tal como parece ser a impressão dos personagens na época da inauguração de Brasília:

Aos domingos, quando Zana me pedia para comprar miúdos de boi no porto da Catraia, eu folgava um pouco, passeava ao léu pela cidade, atravessava as pontes metálicas, perambulava nas áreas margeadas por igarapés, os bairros que se expandiam àquela época, cercando o centro de Manaus. Via um outro mundo naqueles recantos, a cidade que não vemos, ou não queremos ver. Um mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisavam tudo para sobreviver, alguns vegetando, feito a cachorrada esquelética que rondava os pilares das palafitas. (HATOUM, 2006, p.59-60).

Mesmo o narrador sendo filho da empregada da casa e, portanto, não compartilhar da condição financeira relativamente abastada da família para quem trabalhavam, ele não estava acostumado a conviver com a extrema pobreza representada por essas pessoas que rodeavam o porto. Para conseguir descrever fielmente a sensação que aquela visão lhe causa ele novamente faz uso de uma espécie de zoomorfização para apresentar a aparência daquelas pessoas. Novamente somos expostos à representação concreta de um tipo de devastação, e, tal como a situação da Cidade Flutuante, com desdobramentos sociais graves, que podem ser encaradas como reflexos do descaso da cidade para com aqueles moradores.

A personagem Domingas, mãe do narrador e empregada da família de Halim e Zana, aproxima-se dessa abordagem de desigualdade ao representar um outro tipo de devastação, que é o da retirada do convívio com seus iguais e a subordinação a que se vê exposta quando acaba num orfanato comandado por freiras. Não havendo muitas perspectivas positivas na sua vida, é oferecida para adoção ao casal Zana e Halim, a quem vai servir eternamente, como que em uma espécie de troca de favores perpétua, situação que o narrador confirma como comum à época na cidade.

Essa desigualdade representada tanto pelas pessoas quanto pelas regiões se repete quando o narrador relata como se deu o afastamento de Omar e uma de suas namoradas. A ação, arquitetada pela mãe que tentava lhe afastar de todas as mulheres, consistia em oferecer dinheiro à moça para que se afastasse do gêmeo: “Ofereci às tias de Dália o dinheiro enviado por Zana. Relutaram, mas encomendas de doces e vestidos rareavam àquela época. A outra extremidade do Brasil crescia vertiginosamente, como Yaquub queria. No

marasmo de Manaus, dinheiro dado era maná enviado do céu.” (HATOUM, 2006, p.78).

### **3. Considerações sobre a representação**

É possível visualizar no romance *Dois irmãos* situações que representam a devastação de uma cidade tanto concretamente como socialmente. As constantes mudanças por que a cidade passa, motivadas pelo progresso e pela política, revelam um descaso com a manutenção de uma memória que represente os diversos momentos ocorridos naquele local, de modo que a destruição de importantes locais da narrativa, como a Cidade Flutuante e a própria casa da família protagonista, ocorrem sem que haja, aparentemente, nenhum tipo de preocupação com a perda histórica que aquilo representaria, e mesmo social, no caso dos moradores da Cidade Flutuante.

Parece ficar claro que a aplicação de mudanças extremas a locais que não estavam preparados para as consequências dessas modificações resultam em situações de risco, representadas no romance pela tristeza que atinge o personagem Halim, que pode ser visto como um representante típico do morador da cidade, e o crescimento de bairros anfíbios em Manaus por conta da falta de espaço para moradia.

A abordagem dessa situação no romance acena sutilmente para os desdobramentos que imagens causadas por essas situações de risco podem dar origem, como a visão que o narrador demonstra acerca do comportamento apresentado pelos que não conseguem se adaptar a essas mudanças, dando margem a um tipo de visão errônea diante de seus comportamentos.

Os personagens do romance demonstram reações diante dessas mudanças que parecem ir ao encontro do que Ana Guerra (2011, p. 140) atesta acerca da situação atual de Manaus: “Ver a capital amazonense hoje é perceber a luta da população em reconstruir o que foi destruído em nome da modernidade, como se esse procedimento pudesse devolver o que foi extirpado sem nenhum ato de compaixão”.

Dessa forma vemos como a importante relação que se configura entre representação do espaço e a percepção que os personagens fazem dele fica representada em *Dois irmãos*, na medida em que o narrador aponta para as

mudanças do espaço dando mostras de sua visão diante da situação, visto que ele é personagem importante no enredo, e aborda, também, as diferentes formas com que se encaravam tais mudanças, explorando claramente os efeitos causados aos moradores pelas devastações cometidas à época em Manaus.

#### 4. Referências

BOECHAT, F. *Espaço da identidade: a relação entre espaço e personagens em Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum*. 2011. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<http://www.miltonhatoum.com.br/wp-content/uploads/2011/10/Disserta%C3%A7%C3%A3oFernandaBoechat-Vers%C3%A3oFinal-ProgramaP%C3%B3s.pdf>>. Acesso em: 28/01/2011.

GOMES, G. M. A Manaus de Milton Hatoum em Cinzas do norte. *Nau Literária: Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*, Porto Alegre, v.03, n.01, jan/jun 2007.

\_\_\_\_\_. A representação da cidade no romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. In: X CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2006, Rio de Janeiro. *Anais ...*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006. e-book. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/html/congressos/anais-eventos.htm>>. Acesso em: 28/01/2011.

GUERRA, A.A.A. Ciela. *Kupiara das letras: Revista do Curso de Letras da Escola Superior Batista do Amazonas*, Manaus, v.1, n.1, p.138-143, 2011. Disponível em: <<http://net.esbam.edu.br/ojs/ojs-2.3.4/index.php/kupiara>>. Acesso em: 25/01/2011.

HATOUM, M. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Milton Hatoum. *Revista Navegações*, v. 02, n.02, jul./dez. 2009, p. 160-162. Entrevista concedida a Luiz Antonio de Assis Brasil.

LEÃO, A. Milton Hatoum: regionalismo revisitado ou renegado? In: XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC - *CENTRO, CENTROS – ÉTICA, ESTÉTICA*, 2011. Curitiba. *Anais...Curitiba*: ABRALIC, 2011. e-book. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0356-1.pdf>>. Acesso em: 28/01/2011.

PELEGRINI, T. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Luso-Brazilian Review*, Madison, v.41, n.01, 2004, p. 121-138.

SILVA, N. R. B. Memória e identidade – uma leitura do romance *Dois irmãos* de Milton Hatoum. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC - *TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS*, 2008, São Paulo. *Anais ... São Paulo*: ABRALIC, 2008. e-book. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/htm/congressos/anais-eventos.htm>>. Acesso em: 28/01/2011.

SOETHE, P. A. Espaço Literário, Percepção E Perspectiva. *Aletria: Revista de Estudos da Literatura*, Belo Horizonte, v.15, jan-jun, 2007, p. 221-229.